



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9794 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

O CONTO DA AIA: RESISTÊNCIAS, BURLAS E TÁTICAS.

Lorena Azevedo do Carmo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Ingrid da Cruz Silva - 6ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

O CONTO DA AIA: RESISTÊNCIAS, BURLAS E TÁTICAS.

RESUMO

Apresentamos resultados final e parcial de pesquisas de mestrado que se entrelaçam por sua originalidade temática, tendo suporte nos estudos dos cotidianos, nas teorias dos currículos para pensar nas relações de força que organizam os *espaçostempos* com foco nas redes de ódio que alimentam processos de antioesão (ARENDR, 1999) que atravessam os currículos e a sociabilidade. A metodologia se dá pela análise do conteúdo da ficção especulativa (MATOS, 2020) que é a obra de Atwood (2017), buscando fazer conexões distópicas e diatópicas com a história e o contexto da ocidentalidade colonial patriarcal e capitalista que também perpassam os currículos que criamos com nossos estudantes nas escolas públicas.

Palavras-chave: *conto da aia; escola pública; resistência; currículos;*

Na difícil tarefa de fazer-se escrever e ouvir (n)o complexo momento em que vivemos, reafirmamos o nosso compromisso de *suspender o céu* com a escola pública e suas comunidades escolares na busca da valorização de processos comunitários e de solidariedade. *Suspender o céu* é ampliar as possibilidades das forças mudas dos cotidianos, é enriquecer as nossas subjetividades, é potencializar as inventividades que não estão no retrato dos álbuns, mas existem e pulsam (KRENAK, 2019).

Nós, professoras e pesquisadoras do campo do currículo consideramos importante refletir sobre a opressão abissal do presente, com o entendimento de que é hora de se pensar nos movimentos permanentes que estão em jogo e reaparecem trazendo os objetos do momento. Apresentamos aqui, resultados parciais de duas pesquisas curriculares que se abalroam na conversa complicada (PINAR, 2012 apud SÜSSEKIND, 2014) enredadas nas experiências e nas possibilidades particulares de *praticantes* que “criam surpresas, operam golpe por golpe, lance por lance e aproveitam as ocasiões das possibilidades oferecidas” (CERTEAU, 2014, p.94-95) para fortalecer as redes de solidariedade pelos currículos que também fala dos currículos de ódios e dos currículos de solidariedades. Uma das pesquisas está em andamento e outra foi defendida este ano, sendo esse resumo expandido resultado de inúmeros desdobramentos com os quais aqui tecemos e dialogamos.

Nosso diálogo nessa pesquisa tem como ponto de partida a narrativa distópica de “O conto da Aia” de Margaret Atwood (2017), para se pensar nas táticas dos praticantes que fragilizam o conhecimento que normaliza, reduz e exclui as inventividades. Também nos propomos problematizar a infertilidade da Natureza devastada pela ação desenfreada e altamente destrutiva do capitalismo, o que possibilitou a escassez das reservas naturais em todo nosso planeta. Gilead, antigo Estados Unidos da América, país diatópico da narrativa de Atwood, apresenta práticas não tão distantes da nossa.

As convicções morais da narrativa distópica têm fundações coloniais e patriarcais, como o racismo, misoginia e fundamentalismos e se alimenta de processos de antioesão. Arendt (1999) alega que a construção de si e da sociedade envolve processos de segregação, como agrupamentos políticos, religiosos, familiares, ou mesmo a comunidade escolar. Contudo, ao teorizar sobre o nazismo e suas práticas políticas e administrativas de ódio e aniquilação e considerar as práticas sociais de segregação percebe que mais que segregação com fim de identidade, proteção e coesão, era possível identificar *antioesão*. Antioesão é divisionismo, se alimenta de pânico, medo e ameaça e se reforça na ideia de que o extermínio dos *inimigos internos* (judeus, homossexuais, intelectuais, negros, comunistas, artistas, professores etc) é a única forma de salvar a sociedade estabelecida pelos olhos das convicções dominantes.

Representar a realidade sob os olhos do colonialismo, patriarcado e capitalismo, demarca formas de divisão, reduz os leques de possibilidades expressivas, e acentua a dinâmica homogeneizadora que se coloca como capaz de dar conta de *ver/ler/ouvir/ sentir o mundo*. Esse conhecimento dominante é o olhar que reduz, normaliza, prevê, regula, domina e legisla maneiras concretas de ser e de viver na sociedade, se habituou a olhar as pessoas como coisas e a guiar-se por um objetivo que é o seu próprio objetivo e não de quem se olha.

Essa lógica está na base de muitas escolhas, sustentada pela noção de que “existe um jeito certo de estar na Terra, uma concepção de verdade que guiou muito das escolhas feitas em diferentes períodos da história” (KRENAK, 2019, p.8) e continua guiando as escolhas feitas pelos estudantes nas salas de aulas, quando dizem que “mulher não faz nada de interessante, só arruma casa”^[1].

Um jeito que desfaz as organizações da sociedade ao criar disputas e méritos nos cotidianos escolares, protegido pelo compartilhamento de rankings de desempenho que desumaniza professores, estudantes e a escola pública. Esse aparato nos leva cada vez mais a exaustão e às vezes experimentamos um pouco da sensação de quantificar os saberes nas salas de aula, através de provas e currículos prescritos.

Um processo de desfiguração da autonomia de professores e estudantes que dissolveu os laços sociais e reduziu os indivíduos em números. Assim como na narrativa distópica em que as mulheres Aias^[2] têm a sua identidade aniquilada para dar lugar a preposição possessiva “*Of*” para representar o pertencimento ao Comandante. Na tentativa de capturar, visto que o encontro com o ‘real’ é fragmentado (MBEMBE, 2017), o momento em que vivemos, assumimos mais uma vez que fomos inundados pelo *tsunami neoliberal conservador* (SÜSSEKIND, 2018), mas sem deixar de reconhecer que outras existências se criam nos excessos (PINAR, 2009) hegemônicos como resposta e (re)afirmação da alteridade.

As proclamações do *tsunami neoliberal conservador* (SÜSSEKIND, 2018) têm como permanência o domínio masculino sobre seus outros, uma narrativa mais que conservadora que se realça pelo poder patriarcal sobre a existência sobrevivência dos corpos de mulheres, lésbicas, transexuais, transgêneros, homossexuais, negros, nordestinos, pessoa indígena. Mais que conservadores, estamos falando de práticas culturais divisionistas, de aniquilação. Desse

modo, os homens que navegam nas águas do *tsunami neoliberal conservador* reconhecem em si mesmos a possibilidade de “aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (PRECIADO, 2014, p.21).

O *tsunami neoliberal conservador* (SÜSSEKIND, 2018) se alimenta das práticas sociais de antioesão, que são “as imagens, narrativas, comportamentos, atitudes e ações organizadas que se caracterizam como tentativas de aniquilação das diferenças, do outro (SUSSEKIND; PIMENTA E FERREIRA, 2020, p. 23). Quando não aniquila, desfigura a existência e diferença do outro, inunda, *passa a boiada* [3], desenvolve uma Base Nacional Comum Curricular para padronizar os conhecimentos e em Gilead não é diferente, já que as mulheres são reconhecidas e estratificadas pelas cores suas vestimentas. Por exemplo, as Aias usam vestidos vermelhos, já as Esposas, casadas com homens do alto escalão, usam vestidos azuis.

A análise do conteúdo da ficção especulativa (MATTOS, 2020), que é a obra de Atwood, relacionando-a aos conhecimentos e estudos *nosdoscom* os cotidianos escolares, aposta nos movimentos pós-abissais, porque nos permite assumir a obra para além de um simples recurso literário, mas como um discurso regido por mecanismos ficcionais que se vale também para veicular posições, ideias e debates em torno de temas atuais. Também avançamos os movimentos *teóricos metodológicos* da pesquisa pelas “experiências singulares, as frequentações, as solidariedades, os enfrentamentos, as tensões, os consensos, as rotinas produtivas e as relações de forças que organizam os diferentes *espaçotempos* em que vivemos e pesquisamos” (FERRAÇO, SOARES E ALVES, 2018, p.37) como professores e pesquisadores do campo curricular, trabalhamos *no e com* o presente. Neste sentido, temos uma escuta profunda para aprender através dos cotidianos aquilo que deveria ser conhecido, “considerando a multiplicidade e a complexidade que caracterizam os cotidianos, precisamos de todas as antenas para captá-los e compreendê-los” (FERRAÇO, SOARES E ALVES, 2018, p. 101).

Ao analisarmos o “O conto da Aia”, podemos perceber a proximidade entre tópicos de classe, política, raça e gênero que tem como pano de fundo a destruição ambiental. De acordo com dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), obtidos via satélite, as áreas desmatadas na região da Amazônia Legal teve 810 km² de seu território desmatado em março de 2021 [4]. O quão distante nós estamos da distopia de Atwood?

O controle da Natureza, ou a dissociação dos seres humanos como pertencentes à Natureza, assim como controle dos currículos, para nós pesquisadoras dos cotidianos, é uma falácia pautada nos modos de fazer pesquisa da ciência moderna (SANTOS, 2008).

A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. A razão por que privilegiamos hoje uma forma de conhecimento assente na previsão e no controle dos fenômenos nada tem de científico. É um juízo de valor (SANTOS, 2003, apud SANTOS, 2008, p. 139).

Dialogando com Silvia Federici (2019), reafirmamos a necessidade de superarmos a falta de responsabilização por ações destrutivas à Natureza, porque “... a produção de nossa vida torna-se inevitavelmente a produção de morte de outras pessoas” (p. 317), produz morte de outros tipos de vida. O distanciamento entre produção e reprodução, além do consumismo, nos faz ignorar as condições para tal, principalmente ignorar os custos ambientais e as populações que exploramos, descartamos e despejamos nossos lixos.

[...] a globalização piorou a crise, aumentando a distância ente o que é produzido e o que é consumido, intensificando, assim, apesar de um aparente aumento na interconexão global, nossa cegueira quanto ao sangue na comida que comemos, no petróleo que usamos, nas roupas que vestimos, nos computadores com os quais no comunicamos. (FEDERICI, 2019, p. 317)

Como nos diz Mia Couto (2011, p. 23) “estamos dispostos a denunciar injustiças quando são cometidas contra a nossa pessoa, o nosso grupo, a nossa etnia, a nossa religião. Estamos menos dispostos quando a injustiça é praticada contra os ‘outros’”. Portanto, precisamos garantir a existência do outro, reconhecendo-o em sua alteridade, para que nós também possamos existir, seja pela luta de preservação da Natureza, ou seja, pela luta anticapitalista globalizante, por exemplo, que visa “... o controle completo sobre os trabalhadores e os recursos naturais” (FEDERICI, 2019, p.183).

[1] Frase proferida por um estudante de escola pública do município do Rio de Janeiro, onde uma das autoras é professora regente.

[2] Mulheres CIS férteis que tiveram seus corpos raptados pelo governo de Gilead para procriarem com homens da mais alta hierarquia, intitulados comandantes, durante o período fértil por meio de estupro ritualizados chamados de Cerimônia.

[3] A frase é famosa: foi dita pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, na reunião ministerial do dia 22 de abril, e tornada pública por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652> . Acesso em 14 de Jun. 2021.

[4] Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-chega-a-810-km%C2%B2-na-amazonia-legal-em-marco-de-2021-aponta-imazon/>. Acesso em 07 Jun. 2021.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H.. **Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 344p.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, 366 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014. 320p.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 208p.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019. 388p.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64p.

MATTOS, Thamires Ribeiro de. **Abençoado seja o fruto: uma análise de The Handmaid's Tale e O Conto da Aia à luz dos Estudos Culturais**. 2020. 1 recurso online (100 p.)

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/349269>. Acesso em: 15 Set. 2020.

MBEMBE, Achile. **CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA**. Lisboa: Antígona, 2017. 320p.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. 240p.

SANTOS, B. S. Ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008. Pp137-166.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; PIMENTA, Alan; FERREIRA, Débora. Da banalidade do ódio: a escuridão do espelho em que nos espelhamos. **Revista Communitas**, v. 4. N.7. Jan-Jun 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/2792>. Acesso em 13 jun. 2021.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. “Educação em Pauta”. **Revista da ADCPII** [online], ano V, n. 1, ago. 2018. Disponível em http://adcpil.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ebook_revista_6.pdf. Acesso em 20 ago. 2019.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. As (im)possibilidades de uma base comum nacional. **E-curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p.1512-1529, 2014. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/21667/15917>> Acesso em 15 jul. 2020.